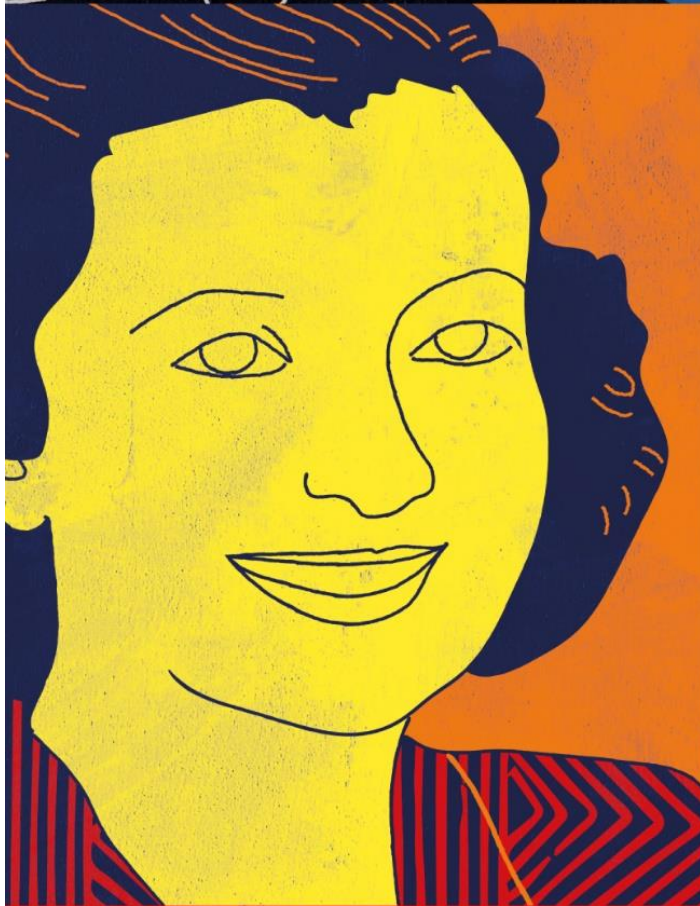


Biografadas

A inspiração está ao lado



Org. Dani Costa Russo

Biografadas

A inspiração está ao lado

Biografadas

A inspiração está ao lado

DANI COSTA RUSSO

organização

Sorocaba, 2023

Direitos de publicação reservados às autoras desta obra.

A reprodução deve ser autorizada por elas, com o devido crédito.

Copyright © 2023 by Sesc Sorocaba

Copyright do texto © 2023 by Mari Mendes, Fabiana Ferraz, Estela Andrade, Marina Bariani Trava e Regina Medeiros.

Edição

Dani Costa Russo

Revisão

Eduarda Rimi

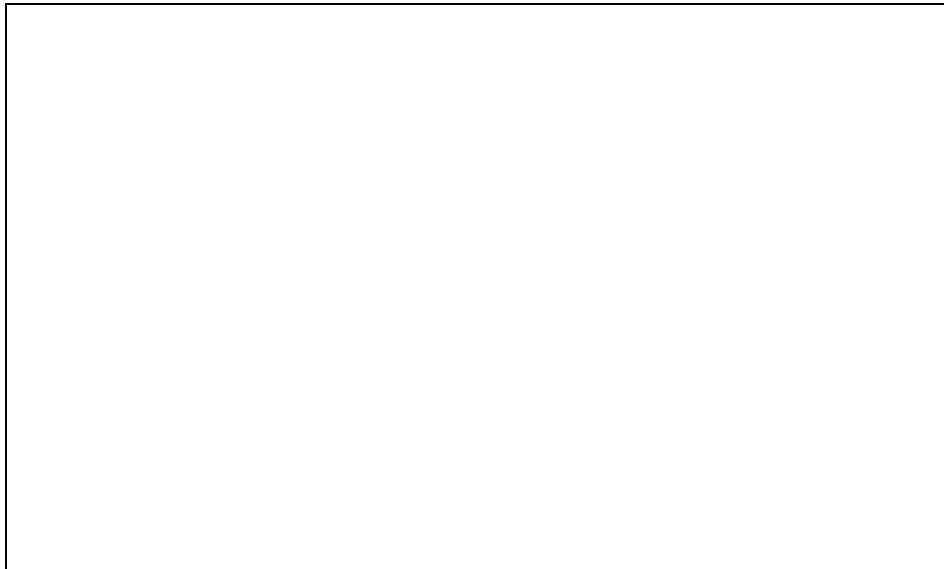
Diagramação

Karen Alvares

Capa

Vítor Ventola Bravin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)



Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: Antologia xxx
xxx - Bibliotecária - xxx

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9610 de 19/02/1998.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios existentes ou que venham a ser criados no futuro sem autorização prévia, por escrito, do Sesc Sorocaba e das autoras.

Escritos das mulheres da

Revolução Literária

Sumário

Apresentação

O sorriso de Eliane

A semente da cura

A jornada da (real) heroína

Os sonhos de Rosa

Coiores vive!

Alessandra, a exploradora

As mulheres não choram mais: investem em si

Vivendo e aprendendo a jogar

Luciana, a incansável

Quando as cerejeiras florescem

Agradecimento

“Creio mesmo que não devemos desprezar as minúcias de um relato, se quisermos nos aproximar o mais possível da história em sua quase totalidade. Recontar é um trabalho perene, infindo. É preciso voltar sempre no afã de buscar os pedaços da história que ficaram perdidos.”

Conceição Evaristo, em *Canção para ninar menino grande*

Apresentação

Pela sétima vez, o Sesc Sorocaba realiza o projeto Mulheria, em alusão ao 8 de março, quando celebramos o Dia Internacional da Mulher, historicamente marcado pela luta por direitos das mulheres e igualdade de gênero. A proposta do especial é colocá-las como protagonistas, promovendo o empoderamento com atividades que as apresenta como líderes e promove a reflexão de temas atuais.

Neste ano de 2023, o Mulheria joga luz sobre as potências femininas, marcos históricos e pioneirismos, e lança olhar atento às funcionárias do Sesc Sorocaba e nas escritoras locais. Seleccionamos mulheres de diferentes áreas, cargos, sexualidades, origens étnico-raciais e estilos de vida para dar espaço à rara escuta da história alheia. Trouxemos a público narrativas de pessoas que vemos todos os dias pelos corredores, daquelas com as quais passamos boa parte do tempo, ao produzir as biografias que você encontra neste ebook escritas por autoras de Sorocaba e Região.

Os textos trazem uma pequena e bela amostra da riqueza de existências femininas ao nosso redor.

O sorriso de Eliane

Não é uma personagem, é uma pessoa real que não conta apenas a própria história, mas a de tantas outras mulheres deste Brasil. Eliane Cortez tem belos olhos de um castanho-claro, quase cor de mel, destacados por um delineador escuro. Nota-se uma apreensão em seus gestos, mas, quando a entrevista começa, sua alma se revela de forma crua, verdadeira, sem volteios. “Meu pai era alcoólatra. Perdi três pessoas da minha família por causa do alcoolismo; meu pai e meu irmão que bebiam, e minha mãe que corria atrás deles a madrugada inteira. Depois, ela saía para trabalhar cedo, sem dormir. Ela perdeu toda a saúde por causa disso.”

As palavras saem de sua boca com uma nota de tristeza. Sorocabana, do Jardim Zulmira, fala quase sem pausas. É difícil acompanhar, não pela sua velocidade e sim pela realidade que vai descortinando.

Quando criança, lá pelos dez anos, observava o pai incentivar o irmão mais velho a beber. “Com treze anos já era viciado. Morreu com trinta e oito de isquemia cerebral na porta de um bar. Meu pai também faleceu de coisas do alcoolismo, uma doença que tira toda a sua força. Minha mãe faleceu com cinquenta e um anos, antes dos dois, por causa dessa loucura de ficar correndo atrás deles em bar.”

O pai bebia todas as sextas-feiras. Eliane e os irmãos, então, observavam da rua. Se o pai fizesse o caminho de casa em linha reta, eles corriam até ele para recebê-lo, mas, se o homem capengava, corriam até a casa para esconder o maior número de objetos que ele pudesse usar para agredir a mãe das crianças – facas, tesouras, tudo era removido para um esconderijo.

“Não gostava de bater na mãe com a mão, ele queria pegar alguma coisa, sendo que nem tinha necessidade porque ele era um homem forte, sabe?”

O pai trabalhava viajando, passando longos períodos fora de casa, e, apesar de ser funcionário público, fazia questão de deixar apenas o mínimo de mantimentos em casa; restava à família pedir ajuda aos vizinhos para garantir a subsistência até o retorno do provedor. Mesmo neste cenário de falta, reservava um tempo para escrever poesias. Foi na adolescência a descoberta de que o pai ganhava um salário considerável para a época – o problema estava nas inúmeras dívidas de jogo. Ela se deu conta de uma situação irremediável e sentiu vontade de fugir. Uma amiga a convidou para viajar à praia, calhando bem no interesse de ir embora. Foi nessa viagem que conheceu um homem treze anos mais velho, de olhos azuis, chamado Paulo.

Ficaram juntos, coisa de juventude, era provável nunca mais se verem novamente, ela pensou. Mas Paulo, em um gesto romântico, a pediu em namoro e, após a recusa dela, afirmou:

“Eu amo por nós dois.”

Logo no início, a mãe de Eliane já havia desgostado do rapaz. As atitudes dele já demonstravam um temperamento conturbado. “A gente é sempre boba, acha que a pessoa vai melhorar e nunca melhora. Uma vez, ele se convenceu de que um jornalista ficou olhando pra mim quando fui comprar jornal. Ele andava armado, colocou a arma na cabeça do homem. Ciúmes de tudo, eu morria de medo dele. Sentia medo de olhar para alguém e ele ficar violento.”

Quando noivaram, ele a obrigou deixar o emprego de secretária em uma multinacional. Resolveram morar juntos assim que Eliane se viu grávida. A escolha da localização do terreno a deixou inquieta, Paulo fizera questão de escolher um local isolado. Assim que se mudaram, começaram as agressões. A primeira vez foi na gestação. O marido não gostou da refeição e arremessou o prato contra ela. Um dos cacos atingiu uma das veias do pé. Ela foi até o hospital para receber atendimento, e, assim, começaram também os disfarces. Naquela vez, o prato caiu por distração. Para as outras marcas de violência que surgiam, havia sempre uma justificativa ou uma roupa fechada para esconder os hematomas. “Eu estava grávida, e ele me trancava em casa, das sete e meia da manhã às oito da noite. Imagina uma grávida trancada em casa?”

Não faltou vontade de se separar ou fugir, mas faltou apoio, os próprios familiares tinham medo do que Paulo podia fazer.

O vislumbre da liberdade veio após um problema financeiro. O marido permitiu que ela voltasse a trabalhar, mas apenas em serviços de limpeza, até porque uma mulher com filhos e com mais de trinta anos de idade teria dificuldade em retornar ao mercado de trabalho. Era como se toda a sua experiência, conhecimento e formação tivessem sido apagados pelos anos de agressão física e psicológica.

“Eu tinha um caderno com mais de quatrocentas poesias, aquelas poesias rimadas, bem de adolescente, que eu escrevia desde os meus treze anos. Se eu ainda tivesse esse caderno, faria um livro. Mas ele o queimou de raiva, não sei raiva do quê, pegou e queimou, não contente em cortar (o caderno), queimou.”

Parou de sorrir. Já não se reconhecia mais. Era como se a adolescente que escrevia poesias românticas e dançava nos bailinhos da cidade houvesse desaparecido para sempre. Não cantava suas músicas favoritas, desconhecia os próprios gostos. Comia o que Paulo gostava de comer, assistia aos canais de televisão que Paulo gostava de assistir. A agressão não era direcionada apenas a Eliane, muitas vezes o filho do casal também era perseguido.

“Uma vez ele pegou uma marreta de funileiro, ele era funileiro, e tentou tacar nas costas do menino. Do nada, do nada dava a louca nele e queria agredir alguém, quem tivesse perto. Meu filho foi no meu quarto e tentou se trancar, mas na porta não tinha trinco, então o menino com dez anos ficou segurando a porta e meu marido batendo com a marreta. Enquanto meu menino segurava a porta para que o pai não entrasse, eu tentava segurar a marreta, mas ele me batia, e eu continuava tentando tirar a marreta das mãos dele.”

Em 2012, ouviu a notícia sobre o início do projeto chamado Promotoras Legais Populares. “É de empoderamento da mulher, tem aula na OAB pra aprender seus

direitos. Você vai visitar os presídios, vai nesses abrigos onde as mulheres ficam escondidas dos homens. Comecei a fazer esse curso e entendi que tudo mostrado lá era a minha vida. Então, eu despertei. Foi quando minha ficha caiu. Como eu vivi tudo isso desde os vinte anos?”

Eliane tomou consciência de que sua história não era única e, na verdade, se repetia em todos os meios, em todas as classes sociais. Começou a se impor, a recuperar a voz própria. Ao mesmo tempo, Paulo passou a sofrer as consequências do abuso contínuo do álcool e da má alimentação. Já não era o mesmo homem de antes, as doenças prejudicaram sua mobilidade e afetaram também a memória. Antes do fim, foram trinta e cinco dias internado, e já não o reconhecia. Era difícil acreditar que aquele homem deitado no leito, com os movimentos restritos para não arrancar as agulhas dos acessos, era o mesmo que a agredia.

“Ele cortou a perna três vezes em trinta e cinco dias. Ficou com demência, não me reconhecia. Teve alta porque o médico o deixou se despedir dos cachorros. No outro dia, morreu. Foi bem triste no final o que ele passou, mas eu estava ali, cuidei até o último momento, meus filhos também.”

No final, restou a pena. Sabia da negligência que o marido sofrera na infância e, até hoje, atribui os rompantes de violência a traumas nunca curados. No entanto, reconhece que isso não é justificativa para as agressões.

Sua história é uma sucessão de “e se?”. E se ela tivesse recebido informação no tempo certo? Se tivesse recebido abrigo, se tivesse uma rede de apoio confiável, sua história seria outra.

E, neste momento, em que volta a ter voz e caneta para criar seus belos poemas rimados, sorri. Prestes a realizar o sonho de trabalhar com Comunicação, faz planos de um dia escrever sua história e distribuí-la como forma de conscientização, além de, em breve, viajar pela primeira vez de avião.

Por Fabiana Ferraz

A semente da cura

“Nunca contei minha história, não sei nem por onde começar”, disse Andreia Reis logo no início da entrevista. Estava tensa e, embora se esforçasse, havia insegurança em sua voz.

Nascida em São Bernardo do Campo, em São Paulo, se mudou para Sorocaba com a família aos dezesseis anos. Saía da cidade para estudar e, em seguida, retornava. “Adotei Sorocaba como minha cidade de referência.” Filha única de pais muito católicos. Não teve dificuldades para se estabelecer profissionalmente. Determinada, conseguiu completar os estudos de Educação Física em universidade pública, depois participou do processo seletivo para uma vaga no SESC – e conseguiu o emprego –, fez mestrado e, por fim, a segunda graduação, em Artes Cênicas. “Profissionalmente, em questão de estudo, trabalho, fui alcançando tudo.” Essa parte ela considera a mais simples. Já no universo dos relacionamentos, tudo é mais fluido e incerto: “Parece areia movediça”.

Depois da maternidade, tema central de sua vida, algumas coisas ficaram mais intensas. “Preciso ter o controle de tudo para alcançar a estabilidade, para a rotina funcionar. Quando controlo, calculo que não vou me machucar.”

Ainda receosa, fala de Miguel, seu filho de seis meses de vida. O retorno ao trabalho tem sido difícil, afinal, o início da gestação ocorreu quando estava em isolamento social devido à pandemia. Considerando todo o período de reclusão, mais a licença, foram quase três anos longe da rotina presencial. Está se adaptando e, apesar das dificuldades, sente-se feliz e grata.

Andreia é mãe solo e está completamente tranquila em relação a isso; o pai de Miguel é dos Estados Unidos e não participa da criação do bebê. “A maternidade é algo que eu sempre quis”, explica. E veio como uma mudança tão profunda, que criou uma ruptura em relação ao seu passado: “Nossa, como era minha vida antes dele? Antes do Miguel? Até lembro, mas não consigo me ver hoje sem ele”. Encantada, vê a experiência transformadora, mas entende e respeita as mulheres que não querem ser mães. “Não é fácil, é uma entrega surreal, sou só eu e ele, então fico pensando, se eu não estiver bem, não consigo, então hoje estou me cuidando melhor.” A alimentação é mais saudável, e ela procura um médico diante de qualquer sinal de problema. “Não pode acontecer nada que me impeça de cuidar dele”, afirma.

Expectativa e medo

Medo de falar sobre sua própria história, de perder o controle, de não conseguir cuidar de seu filho. Quando fala sobre a gestação e o parto, menciona mais medos. Andreia fica tensa, de onde vem essa sensação de perigo?

Fazia exercícios físicos todos os dias, e, depois de engravidar, parou. O médico incentivou, era bom manter, mas ela não conseguiu. “Era esse medo o tempo todo, de perder, de acontecer alguma coisa.” Para se sentir mais confiante e calma, praticava meditação guiada e ioga. Durante os exercícios, quando ainda não sabia o sexo do bebê, o chamava de sementinha. “Visualizava dentro de mim uma árvore e as raízes pegando toda a energia, substâncias da mãe terra.” Essa prática a ajudou a lidar com os medos e palpites. “Me fortalecia, e eu sentia ele muito forte dentro de mim, muito poderoso.”

Miguel nasceu com mais de quarenta e uma semanas. Andreia apreciou muito a gestação, não passou mal, gostou da experiência. Sente até saudades da barriga. Os meses de gravidez foram repletos de expectativas. Contratou um dos melhores especialistas em parto humanizado na cidade. “Não foi um gasto, foi um investimento para estar segura nas mãos de um profissional excelente.”

Mas o nascimento não aconteceu exatamente como o idealizado. No cardiotoco, monitoramento dos batimentos cardíacos do bebê, estava tudo normal. Porém, já em trabalho de parto durante o exame de toque, o médico descobriu a bolsa rompida, um sangramento e, ainda, que o líquido amniótico continha mecônio (matéria fecal). O obstetra sugeriu a cesárea de emergência, e assim, viu o sonho do parto natural se esvaír diante de si. A idealização vinha do desejo da experiência, e de uma recuperação rápida. “Na minha cabeça, estava tudo certinho, esquematizado. Aí, foi pra cesárea, e eu me frustrei. Não era esse o parto que eu queria. Foi angustiante”, desabafa.

O período inicial do resguardo, no qual a mãe se habitua à nova vida e seu corpo aos poucos retorna ao estado hormonal e fisiológico equivalente ao de antes da gestação, se chama puerpério. “É uma responsabilidade muito grande ter um ser humano, colocar no mundo, educar e dar tudo que precisa, ele depende totalmente de mim. Como vou garantir uma vida bacana para ele?”

Miguel nasceu com o freio lingual encurtado, dificultando a sucção durante a amamentação. O tratamento é simples, consiste em um pequeno corte no tecido sob a língua, mas o bebê precisou passar pelo procedimento duas vezes. Diante da adversidade, se cobrava. “O que me pega muito é querer manter as coisas o mais perfeitas possível. O desafio era ele passar um dia inteirinho sem chorar. Chorar era a única maneira que ele tinha para se expressar, eu sei, mas era como se ele estivesse sofrendo.” Quando falhava em sua missão impossível, isso a deixava arrasada. “Mãe sente só culpa o tempo todo. Era muito angustiante, mas hoje levo de uma forma mais madura, acostumei-me, ou entendi a rotina, a maneira de funcionar está mais leve um pouquinho. Mas o início era muito, muito duro, eu não queria chorar na frente dele. Miguel veio para me ensinar isso, não tenho controle.”

Falar da própria maternidade direcionou a entrevista à origem de sua dificuldade com relacionamentos, à fonte de suas principais inseguranças, à vida antes do nascimento de Miguel.

Quando a mãe não é sagrada

Andreia não gosta de falar sobre o assunto, mas o encara. “Fui criada na religião católica”, explica, e este conjunto de crenças condena qualquer crítica à figura materna. “As pessoas não sabem o que vivi durante quarenta anos com a minha mãe, o quanto ela foi abusiva comigo, e isso gera em mim uma cobrança muito grande em relação ao Miguel. Não quero repetir o que minha mãe fez. Passei por muito sofrimento, e socialmente as pessoas não entendem, a maioria enxerga a mãe como sagrada, muita gente não entende isso... E não estou a fim de ser julgada.”

Relutante, só aceitou contar sua experiência quando considerou o potencial do relato em ajudar outras pessoas a identificar relações abusivas em suas próprias vidas – e se libertar delas.

“Só com terapia consegui enxergar quem era minha mãe e como eram os meus relacionamentos. Inconscientemente, eu buscava a figura dela, para mim o normal era ser tratada ela me tratava. Só que a maneira como minha mãe me trata, e sempre me tratou, não é saudável.”

Relatou, então, diversas situações de abuso emocional. “Quando era adolescente, eu tinha espinhas, e minha mãe olhava para a minha cara e falava que eu estava horrível. Ela não tinha dimensão do quanto aquilo me machucava, me causando feridas. Ela me ofendia constantemente.” Sequer podia escolher suas próprias roupas. “Ia com ela no shopping, ou em qualquer outro lugar, me vestia, e ela: ‘Se você for com essa roupa, você não vai comigo, só vai comigo se for com essa outra roupa’. Eu tinha dezesseis anos. Ela falava que a roupa escolhida por mim estava horrível.” Quando alguém perguntava algo para Andreia, a mãe sempre respondia, não a deixava falar. “Como se eu pertencesse a ela, sabe? Se apropriava de mim.”

Quando criança, as duas passaram em frente a um colégio interno. “Ela falou que ia me colocar num colégio interno. Fui só uma criança, nunca precisei de colégio interno, nunca precisei apanhar. Apanhei de cinta, de chinelo, sem ter feito nada. Era só uma criança querendo brincar.”

Ao longo dos anos, o comportamento da mãe aprofundou suas feridas. Aos poucos, Andreia precisou aprender a se defender sozinha. Seu pai era passivo, fazia de tudo para não criar um conflito, uma discussão. Certa vez, quando ela estudava na UNESP, em Rio Claro, ele a levou até a rodoviária para voltar ao campus. No caminho, falou que não aguentava mais a mãe dela. Se pudesse, ia embora. “Falei para ele que eu ia junto. Foi a nossa última conversa. Na segunda-feira, ele morreu.”

O pai de Andreia sofria de problemas cardíacos, já havia realizado uma cirurgia de ponte de safena, na qual é colocada uma veia alternativa para transportar o sangue da aorta até o coração quando as demais vias estão obstruídas por placas de gordura.

O dedo podre, o alerta vermelho e a ponta do novelo

Quando o tóxico é cotidiano na infância, a tendência é estabelecer outras relações tão problemáticas quanto na vida adulta. Andreia se envolveu com homens que a tratavam tão mal quanto a mãe. “Acho péssimo esse termo, mas tive o dedo podre, escolhi,

inconscientemente, pessoas com as características da minha mãe. Ela me tratava da pior maneira, então os homens também. Nunca me bateram, mas sempre sofri violência psicológica”. Hoje, ela está voltada aos cuidados com seu bebê, mas não se vê tentando um relacionamento amoroso tão cedo. “E, quando eu encontrar alguém, vai ter que ser muito bacana, não vou aceitar nada que machuque meu filho, vou ficar tão seletiva, mas tão seletiva.”

Andreia entende que não é uma questão de culpar a si mesma, mas de entender a consequência emocional da vivência com a mãe.

Após o fim de um desses namoros conturbados, questionou-se: “Por que eu estava com esse cara? Não amava, não gostava dele. Aí entendi. Aquela pessoa me tratava como minha mãe. Mas isso assimilei depois de muita terapia. A psicóloga usa uma expressão: ‘O que é familiar para você?’ É o abuso. Ele nunca me bateu, mas emocionalmente sempre me machucou, e eu sempre aceitei”. Compara à mãe: “Muito parecido, extremamente mentiroso, um agressivo sutil, doce, não altera o tom de voz. Todo mundo olha, e você é a louca, ele é uma pessoa maravilhosa”.

Ela não era feliz no relacionamento, sentia algo de errado e não conseguia descobrir o motivo da ansiedade. Às vezes, chegava perto de entender, captava um sinal: “Acende a luzinha vermelha”. Mas não levava a sério, mudava de ideia. “Ah, bobeira, não é tudo isso... É coisa da minha cabeça. O tempo todo. E nisso as pessoas ficam no ciclo de violência.”

Quando esse relacionamento terminou, alugou um carro e fez uma viagem de quinze dias com a sua cachorrinha para cidades de Minas Gerais e para outra no Rio de Janeiro. “Fui para Capitólio, cinco horas e meia dirigindo, amo dirigir; de Capitólio fui pra Aiuruoca, São Tomé das Letras e Paraty. Foi processo de cura também, busquei lugares com cachoeiras.”

Na estrada, ouvia palestras e outros conteúdos sobre relacionamentos abusivos. Em algum momento, se deu conta do narcisismo. Já tinha ouvido falar desse termo, e aprendeu que um transtorno de personalidade não tem cura.

Processo de cura

“Achei a ponta do novelo e comecei a puxar, puxar”, conta. O processo de cura não é linear, não funciona como uma lista de tarefas a serem cumpridas, é muito mais complexo. É uma jornada, está no caminho. Foi necessária muita reflexão, terapia e conhecimento para entender mais seu relacionamento com a mãe e como isso impactou todos os outros relacionamentos de sua vida.

Após a gravidez, sentiu-se forte o suficiente para romper relações com a mãe. “Quando o Miguel nasceu, me afastei. Antes, eu fazia compra, levava comida, pagava aluguel. Cortei tudo. Agora sou eu e o Miguel, ele é a minha responsabilidade e prioridade.”

A mãe ameaça entrar na justiça para acusá-la de abandono. “Meu pai teve três imóveis, ela deu fim em tudo, e, quando ele morreu, ela rapidamente entrou com advogado para fazer a divisão da casa. Dividiu e a vendeu.” Nessa época, ainda estava

na faculdade e não tinha condições de acompanhar os trâmites. Deixou a mãe resolver. “Ela ia comprar outra casa, comprou uma muito pior, torrou parte do dinheiro e passou a perna em mim. Hoje, ela não tem onde morar, vive da pensão do meu pai e paga aluguel.”

Andreia garante que jamais permitirá a Miguel o sofrimento causado pela personalidade da avó e lamenta: “Tem gente que não entende. Socialmente se cria aquela coisa da pessoa idosa exigir cuidado, mas não é porque se tornou velhinha de cabelo branco, com dificuldade de andar, que virou uma pessoa boa, maravilhosa; continua sendo o que sempre foi. Não lembro da minha mãe fazendo carinho, nunca. Não lembro dela me abraçar, ela não sabe abraçar. Talvez, ela nunca tenha tido carinho, foi criada no sítio, com um monte de irmãos, meu avô batia na minha avó, era rígido. Às vezes, fico pensando: coitada da minha mãe, não teve alguém para abraçá-la. Mas aí, ao mesmo tempo, concluo que sofri muito emocionalmente e não estou fazendo isso com as pessoas. Fico com pena, mas, se tiver pena dela, vou derrubar o afastamento. Várias vezes tentei afastar e voltei, tentei, voltei, igual relacionamento abusivo mesmo. Vai e volta, vai e volta. Agora não vou voltar. Vou ficar firme”.

Para o futuro, pensando na maternidade, deseja fazer Psicologia na faculdade. A inspiração vem no tempo de terapia e na criação de Miguel. “Ele é minha cura. E por ele faço tudo, mesmo que, às vezes, venha a culpa de estar me afastando da minha mãe. A melhor coisa que fiz na vida, já devia ter feito há muitos anos. Muitos. Muitos, sabe? Demorei pra ter essa força, ele a me deu. Antes, eu não ia ter força, ia ficar nesse ioiô do relacionamento abusivo.”

Por Mari Mendes

A jornada da (real) heroína

Esta é a biografia da Bella. Na verdade, este é um nome fictício¹. Iremos chamá-la assim devido à personagem da saga *Crepúsculo*, livro que a fez adentrar o mundo da literatura e descobrir uma nova paixão; no entanto, isso não quer dizer que ela seja menos real, pelo contrário, nossa protagonista é tão real que sua história se repete com muitas mulheres: as jovens que saem de suas cidades em busca de melhores oportunidades, as mães que fazem de tudo para dar o melhor aos filhos, as esposas que sabem que ter razão nem sempre é o mais importante, as trabalhadoras que, apesar do cansaço da rotina, ainda sonham.

A Bella da vida real é complexa, feita de contradições e convicções moldadas ao longo de uma vida composta por intempéries, em alguns pontos, similar a um verdadeiro roteiro clássico na literatura.

Assim, podemos dizer que, ao longo de sua infância e adolescência, seu mundo comum foi dividido entre o sítio e a área urbana de uma cidadezinha do interior, daquelas bem características de livros e filmes. Não foi difícil crescer lá cercada pelo amor da família, mesmo com a ausência do pai, falecido quando sua mãe ainda estava grávida de seis meses; falta substituída pela abundância de figuras maternas. “Fui criada com meus avós e minhas tias, todas acham que são minhas irmãs, minhas mães. Então foi minha mãe, minha avó e mais quatro tias, e meu vô, que foi meu exemplo de pai.”

Logo no início da fase adulta, teve seu chamado à aventura, que ela não recusou, um chamado que veio de dentro de si e a instigava a buscar por melhores oportunidades em outro lugar, porém, havia antes uma condição a ser cumprida. “Quando fiz dezoito anos, minha mãe falou que eu só poderia ir embora se terminasse o colégio. Fiz, terminei, daí com dezenove, em maio, dia vinte de maio, fui embora.” A partir desse ponto, sua vida tornou-se uma daquelas narrativas clássicas em que a protagonista deixa o lugar em que nasceu para tentar a sorte na cidade grande. Havia duas opções postas: ir morar em São Paulo, com uma parente com quem não tinha muito contato, ou em Sorocaba, para viver com os tios. A prima Júlia foi crucial nessa decisão, quase como uma guia. A insistência e proximidade entre as duas garotas fizeram com que optasse por não escolher a capital e tomar o rumo em direção a uma cidade maior do interior. Aos vinte e um anos, casou-se. A essa altura era operadora de produção. Não levou tempo na nova cidade para conseguir um emprego numa fábrica têxtil, assim como não demorou para encontrar seu maior companheiro. Em apenas quatro meses, conheceu o marido – em pouco mais de um ano, estava casada, parceria que já dura dezoito anos, com seus altos e baixos, como ela mesma diz. Outra forte conexão que persiste é com a prima, algo para além da consideração familiar, da amizade e da fiel companhia na descoberta de bares e lanchonetes, de certa forma, uma ligação quase cósmica: “Eu vou mandar mensagem

¹ Os nomes de todas as pessoas citadas, cargos, cursos e locais foram alterados para preservar a identidade da entrevistada.

para ela de alguma coisa, ela já está mandando, ou eu mandei e ela tá mandando a mesma. Esses tempos atrás, eu acordei no meio do corredor falando, e ela acordou na casa dela gritando na mesma madrugada”. É possível dizer que, sem Júlia, a vida não seria o que é hoje, o que justifica o ciúme da filha quanto à relação das duas e as piadas do marido. “Ele diz que ela é meu Ricardão e eu sou Ricardão dela”.

Pouco depois do casamento, decidiu encarar um novo desafio: fez um curso de cabeleireira, deixou o emprego e montou um salão com a cunhada. Não era algo totalmente novo para ela, que já havia trabalhado no ramo por dois anos em sua cidade natal. No passado, a falta de ânimo para algumas funções específicas da área estética a fez buscar outros caminhos; dessa vez, foi a imprevisibilidade financeira à qual todo profissional autônomo está sujeito que a fez retornar à mesma fábrica, onde ficou mais dois anos e meio até a chegada da filha Amanda, quando já estava com vinte e cinco anos.

Pode-se deduzir que a maternidade seja o maior desafio da vida de uma mulher; ainda que essa afirmação seja verdadeira, ser mãe foi algo que encarou com muita naturalidade: “Foi tranquilo [ser mãe] porque fui babá, comecei a ser babá com treze anos. Então, eu sempre me dei bem com crianças. Queria ser mãe”. Nesse quesito, a real provação dessa heroína foi conseguir conciliar o trabalho aos cuidados com a bebê sem uma rede de apoio quando voltou da licença-maternidade. “Eu trabalhava no terceiro turno, deixava minha filha com a sogra à noite, dormia um pouco na parte da manhã, ficava com ela o resto do dia e ia trabalhar.” Após alguns meses nessa rotina, problemas de saúde impediram que a sogra de Bella cuidasse da pequena Amanda. Sem poder pagar por alguém para cuidar da criança, já que o pai também trabalhava no período noturno, a solução foi pedir as contas.

Nesse momento, decidiu acatar um antigo conselho do tio de Sorocaba sobre o curso de mecânica, conselho que seu marido já havia posto em prática e, em pouco tempo, tinha se mostrado positivo com a conquista de um novo emprego nessa área. Alguns meses se passaram até que ela estudasse e fosse aprovada para ocupar uma vaga no Sesc, onde está há quase dez anos.

Hoje, diz gostar não só de seu trabalho, mas de sua profissão, ainda que nem sempre seja fácil: “Tem horas que mexer com o público é difícil porque a gente tem normas, a gente passa a norma para o público e o público não aceita”. Mas, apesar do trabalho direto com os frequentadores do espaço ter suas eventuais dificuldades, a ausência deles acaba por ser mais incômoda: “É difícil trabalhar com público, mas eu gosto. Trabalhei dois anos com a unidade fechada por causa da pandemia. Eu tinha trabalhado já por quatro anos com a unidade bombando, Carnaval, shows... Trabalhar dois anos [com a unidade] fechada foi difícil”. A curto prazo, seus planos profissionais incluem cursar uma faculdade na área em que já atua, ou em Recursos Humanos, para crescer e alcançar cargos mais altos.

Ainda que se sinta satisfeita com sua ocupação, Bella sabe que não se pode viver apenas de trabalho, por isso os livros compõem parte importante de seu dia. Começou aos vinte e um anos. A curiosidade em saber o que aconteceria nas próximas sequências dos filmes da saga *Crepúsculo* a transformou numa leitora e ouvinte voraz de livros e

audiobooks de romance: “Minha meta é sempre ler ou escutar dois livros por semana. Meu marido fala que, para me deixar feliz, é só me dar um livro”. Entre suas autoras preferidas estão Vi Keeland, Penelope Ward e a brasileira Mônica Cristina. Para ela, a literatura é sua caverna, é onde se reencontra consigo mesma e recupera suas forças, mesmo que nem sempre os finais sejam felizes. “Falo que eu entro no personagem também, se é para sofrer, eu sofro, se é pra chorar, eu choro, se é para rir, eu rio.” A leitura é um hábito que faz questão de passar para sua filha, por compreender que a prática não só auxilia no desenvolvimento escolar, como também estimula outras formas de ver o mundo. “Estou influenciando minha filha, porque é muito bom leitura, você viaja, tira sua mente só do celular, né? Tem que ler, leia, pelo menos um livro por mês.”

Mesmo que aprecie e sinta-se satisfeita com sua rotina que se divide entre o trabalho, os livros e os afazeres domésticos, ainda restam desafios a serem vencidos, como, por exemplo, o machismo. “É complicado porque você trabalha com [mais] homens. Tem líder que não aceita a opinião de nós mulheres.”

Essa é uma luta constante, porém a batalha que mais a instiga não é social ou profissional, mas diz respeito ao seu papel como mãe. No início, a experiência como babá ajudou a encarar seu novo papel, agora, onze anos depois, lidar com uma pré-adolescente tem sido algo totalmente novo. “Agora estou começando a sofrer.” Independente da personalidade tranquila da filha, ela não deixa de lado as cobranças, impõe limites e tenta ensinar o valor do dinheiro para que a única filha tenha senso da realidade, assim como sua mãe fez. O marido está sempre ao seu lado, mas, como em boa parte dos lares, as broncas cotidianas vêm do lado materno. “O pai bajula mais, eu já sou a que dá as broncas, a que puxa o freio”, o que não quer dizer que não haja incentivos para que Amanda siga seus sonhos, pelo contrário, pois Bella sabe o quanto isso foi importante em sua vida lá atrás. “Sou desapegada, assim do jeito que a minha mãe foi comigo, não ligo dela querer viajar, por exemplo. Não quero prendê-la, quero que voe, seja livre, corra atrás dos sonhos.” Sendo assim, não é de se surpreender que a recompensa final da personagem seja realizada pela filha, mesmo que ainda leve um tempo: “Quero vê-la formada, com uma profissão. Acho que depois que a gente é mãe, pensa muito mais nos filhos do que na gente”.

Hoje, na maturidade dos trinta e seis anos, diz que não mudaria sua trajetória, sente-se realizada, não trocaria sua casa e sua família por nada. Na jornada dessa heroína, a realização familiar pode ser a base de tudo.

Por Estela Andrade

Os sonhos de Rosa

Passando por um túnel na região do Ibirapuera, na cidade de São Paulo, sentiu uma angústia muito forte, uma dor no peito, um ataque de pânico. Achou que o túnel fosse cair. Estava presa em um congestionamento enorme, e uma goteira dentro do carro a preocupava. O trânsito, a vida muito corrida, tudo trazia angústia. Foi quando concluiu: “Eu não quero mais essa vida para mim”.

Na entrevista, observa-se que Rosa Mitcov é uma mulher com cabelos cacheados, talvez pintados de ruivo. Uma simpatia de pessoa. Ela relembra sua vida desde a infância. Nascida numa cidade do Mato Grosso do Sul, morava com a mãe e as quatro irmãs.

Teve paralisia infantil, uma consequência da poliomielite, pois não tomou vacina quando criança. Mas isso nunca a impediu, de forma nenhuma, de ser a pessoa determinada que é.

Sua mãe, na época, sem condições para criar as filhas sozinha, colocou-as em um orfanato: três em Adamantina e duas em Bauru, cidades do interior de São Paulo.

Voltava uma vez por ano, a fim de fazer o tratamento de Rosa, mas toda vez que fazia a visita às filhas perdia o emprego de doméstica.

Uma recordação marcante era a da contagem do tempo quando a mãe chegava, pois queria passar o maior número de horas possível com ela.

Por essas visitas, as meninas nunca sentiram que haviam sido abandonadas, e de fato não foram.

Ao longo dos anos, a mãe buscou cada filha de volta para casa. Em São Paulo, na Zona Sul, as seis passaram a viver em um cômodo só. Era a casa de sua vó, mãe de sua mãe.

A vez de Rosa ir embora do orfanato foi aos doze anos de idade. Nessa época, conseguia trocar seu aparelho para andar uma vez por ano.

O grande grupo de mulheres foi se desfazendo na mesma habitação devido aos casamentos. Uma a uma das irmãs foi saindo para se casar. Rosa foi a última.

O relacionamento começou quando ela tinha quinze anos, e ele, treze, sendo até hoje seu primeiro (e único) namorado. Moravam na mesma rua. Ele a pegava no colo e a levava para todos os lugares. Iam do céu ao inferno juntos.

Conseguiu o primeiro emprego com dezoito anos, na praça da Sé, trabalhando numa empresa que vendia joias. Também trabalhou como telefonista, por quase dois anos, e, posteriormente, durante onze anos, numa empresa de consórcio.

Dos sonhos, conseguiu realizar todos os considerados bobos por ela. O primeiro, aprender a nadar, foi conquistado no clube do Ibirapuera e quase virou atleta

paraolímpica, só não o fez porque trabalhava, e não seria possível se dedicar às competições. Também não teve muito incentivo da família.

Depois, tratou de aprender a dirigir. Foi subindo de cargo no emprego até conseguir comprar o primeiro carro e tirar a carteira de habilitação.

Os planos seguiam firmes. Após quatro anos de união estável, o desejo era ser mãe. Teve Sophia, hoje com quinze anos.

Antes da exaustão final da conturbada São Paulo, após o episódio do túnel, mais uma “gota d’água” veio pesar na decisão de ir embora da cidade. Fortes chuvas alagaram seu bairro, inclusive a sua casa, cujos móveis se perderam na enchente. Comunicou, então, à empresa que não iria trabalhar, explicando o motivo trágico. No dia seguinte, funcionários entregaram uma contribuição arrecadada para a compra de novos móveis.

Mas ela não queria mais continuar levando a mesma vida e, com o dinheiro ganho, deu entrada em um imóvel em Sorocaba, no mesmo conjunto de prédios para o qual sua irmã estava se mudando.

O dinheiro das contribuições era exatamente a quantia necessária para segurar a compra do imóvel. Nem acreditou.

Assim, combinou com sua gerente de ser mandada embora, e de fato foi no final do ano, junto com várias outras pessoas.

Enquanto ainda estava no trabalho, começou a pensar em outro emprego. A gerente, um tanto preocupada com a situação, avisou que iria abrir um Sesc em Sorocaba, e a incentivou a tentar uma vaga PCD. Animada, fez a inscrição para o processo seletivo; a empresa a liberava para viajar e realizar as provas de cada etapa.

No fim, foi admitida, mas, na semana em que deveria assumir o cargo, sua filha foi internada com pneumonia. Também não havia saído do seu último emprego. Diante das complicações, enviou um e-mail explicando para o Sesc o que havia acontecido. Achou que tivesse perdido a vaga.

Meses depois, foi realmente mandada embora do consórcio e chegou em Sorocaba com a filha, o marido foi depois. A situação era provisória, tiveram que morar com uma das irmãs de Rosa enquanto o novo apartamento não ficava pronto.

Na época, ainda recebia seguro-desemprego quando o Sesc perguntou se ela ainda queria a vaga. Atualmente, celebra dez anos no emprego que parecia perdido, mas não perdeu. Atua na sessão de atendimento e relacionamento com as empresas, e seus olhos brilham quando fala do lugar onde trabalha. Por um tempo, precisou levar Sophia para o trabalho. Era um sonho trabalhar e ver a filha crescer, ali tão diante de si. A estabilidade veio.

Nesse momento, está terminando a faculdade de Administração. Os projetos são muitos. E de bobos não têm nada. Sua trajetória é indiscutivelmente admirável!

Por Marina Bariani Trava

Estamos na cidade de São Carlos, em São Paulo, a 234 km da capital, o clima bastante ameno como de costume, e o céu quase sempre recheado de nuvens brancas e densas. A casa da vó Odete e do vô Waldomiro, o Bigode, como é carinhosamente chamado na cidade, é um lugar aconchegante e repleto de bons momentos. Assim, a garotinha Indiara conta que passa muitas horas todos os dias na cozinha. Ora apenas observando, ora fazendo algo que quer aprender naquele universo infinito dos quitutes saborosos de sua “vó”. O irmão Daniel, quatro anos mais novo, às vezes a acompanha, embora a companhia do “vô” seja a sua predileta.

Em frente a esse lar de aconchego, há um campinho com abacateiros e amoreiras, onde ela e Daniel se deparam em galhos, subindo e descendo com destreza, brincando em suas sombras, correndo...

Os pais se separaram um tempo atrás, quando ela estava com cinco anos, e, de lá para cá, não tiveram mais contato com ele.

Assim começamos a contar um pouco da história de Indiara Fernanda da Cunha Duarte, são-carlense, com trinta e nove anos, Supervisora de Comunicação do Sesc Sorocaba (SP), descrevendo pequenos fragmentos das intensas experiências vividas por ela.

Uma surpresa valiosa

Viveu uma adolescência bastante tranquila. De temperamento calmo, sempre muito dedicada aos estudos e bastante comprometida em tudo que se propunha a fazer.

Seu primeiro namoro foi aos dezoito anos. A relação entre eles aconteceu durante um ano, porém havia muitas dificuldades no relacionamento e eram perceptíveis as divergências de ideias entre eles. A mais inaceitável era a imposição a abandonar os estudos e futuramente se dedicar somente a ser esposa e mãe. Esse posicionamento era totalmente oposto à forma de pensar dela, que já havia despertado para muitos outros interesses.

Diante disso, não havia possibilidade alguma de continuarem uma relação tão conflituosa. O namoro foi encerrado. Alguns meses após o término, descobriu que estava grávida já de quatro meses. Era uma menina. Ali mesmo, no ultrassom de revelação do sexo, nomeou a filha: “ela irá se chamar Iasmyn”.

Paralelo à descoberta da gravidez, sua mãe, Celena, havia sido diagnosticada com um câncer de mama, o que vinha ocasionando uma série de preocupações em todos, pois ainda estavam sem saber claramente como seria o tratamento e suas reais consequências.

Com a notícia da vinda de uma nova vida na família, tudo foi se transformando... Sua mãe demonstrou uma sábia compreensão a respeito da situação e passou a alimentar

muita esperança pela perspectiva da vinda de um bebê para a família. Se motivando cada vez mais, e com maior intensidade, se dedicou ao seu tratamento, se empenhando para sua total recuperação, que aconteceu logo após o nascimento de Iasmyn.

Quanto ao namorado, pai de sua filha, quando soube da gravidez, a procurou. Indicara propôs que voltassem a namorar, mas que cada um continuasse morando com seus pais. A ideia não lhe agradou e, a partir daí, ele se afastou completamente, não demonstrando qualquer outro interesse em continuar o contato com ela.

Ensaçando voos

Embora todos os acontecimentos parecessem não ter sido programados em sua trajetória, traçava alguns planos. O primeiro deles, ingressar em uma faculdade.

A hora de começar a voar estava chegando sem pedir licença, e ela parecia intuir isso. Quando aprovada no vestibular, foi fazer faculdade de Publicidade e Propaganda, em Araraquara, cidade próxima. Logo em seguida, candidatou-se a uma vaga de estágio no Sesc São Carlos, foi selecionada e, assim, deu início à sua carreira.

Vivendo a essência

Indicara sempre sentiu manifestar em si muitos talentos. Um deles, e o mais intenso, era o sonho de ser atriz. Aos onze anos de idade, iniciou seus primeiros passos na vida artística, participando de um curso de teatro no centro cultural da cidade, entre muitos outros que foi realizando na busca de aprender e aperfeiçoar-se cada vez mais na arte de interpretar.

Num dado momento, surgiu a oportunidade de aprender as artes circenses, e escolheu o curso de palhaço, o que lhe proporcionou um prazer imenso, a ponto de criar uma personagem para a qual deu o nome de Cores, uma linda personagem muito colorida que fez história em apresentações.

Muitas lembranças e um caderno de receitas

Nutria verdadeira paixão pelos avós maternos e vice-versa. Sua mãe trabalhava fora de casa o dia todo, e assim ela e Daniel no contraturno escolar passavam o dia com eles.

Com a avó tinha uma relação bastante saudável e intensa. Odete era uma mulher moderna, nascida por volta dos anos trinta, mas com uma mentalidade bastante atual sobre a vida e seus percalços. O avô, Waldomiro, também presente e carinhoso com os netos, tem uma presença ímpar em sua vida.

Em 2019, para tristeza de todos, a avó vem a falecer, deixando muita saudade e um lugarzinho doído no coração de toda a família.

2012 – A realização de um sonho

Após o estágio e muitos outros trabalhos em empresas prestadoras de serviços ao Sesc São Carlos, concorreu a uma vaga para o cargo de produtora gráfica, que poderia ser assumido em Santo André ou em Sorocaba. Aprovada, acabou optando por Sorocaba.

Foi uma fase muito especial, pois sonhava ser contratada na área de comunicação do Sesc, mas exigiu mudança de cidade.

Sua mãe manifestou uma certa resistência, pois passaram todos esses anos juntas e mais próximas ainda após o nascimento de sua filha. Mas, além da busca pela realização de um sonho, havia também a necessidade de constituir o próprio lar e assumir a criação da filha integralmente. Então, aceitou o desafio.

Quando chega o amor

Desde o nascimento de Iasmyn, optou por se dedicar a ela e ao trabalho, deixando de lado a vida afetiva. Não teve mais nenhum relacionamento e não sentia falta, talvez por influência de sua referência materna, que, desde a separação de seu pai, também não buscou uma companhia.

Isso mudou quando conheceu o Grupo de Teatro Trupé, construindo alguns laços de amizade. Entre eles, havia o fotógrafo que registrava os trabalhos do grupo.

Adriano, um jovem paulistano há pouco tempo em Sorocaba, formado em Cinema e TV, solteiro, inteligente e muito envolvido com o mundo artístico, logo que a viu já demonstrou interesse em conhecê-la. Indicara também já o havia notado em alguns eventos. Acabaram se encontrando várias vezes, até mesmo no Sesc, quando coordenava alguns eventos. Mais próximos, passaram a conversar diariamente por mensagens.

Com Iasmyn não foi diferente. Foram apresentados em um evento. Adriano, num gesto carinhoso, ofereceu sua câmera para a menina fotografar o que quisesse. Com essa atitude, além de proporcionar a aproximação entre eles, houve a descoberta dela pelo prazer de fotografar.

Diante de tudo que ambos estavam sentindo um pelo outro, decidiram viver juntos, o que fortaleceu ainda mais os laços entre os três. Viveram ótimos momentos, sempre com muita harmonia e entendimento. O amor havia chegado, ela o acolheu vivendo intensamente e da melhor forma que poderia fazer.

O inesperado que paralisa

Durante sete anos, Indicara e Adriano viveram muitas experiências juntos. Havia muita parceria entre eles, e os assuntos não tinham limites. Conversavam sobre a vida profissional, a família, os acontecimentos no mundo, literatura, trocavam infinitas ideias, afinal eram muitos interesses e gostos em comum.

Construíram um verdadeiro lar, um porto seguro para cada um sair e voltar encontrando o aconchego, segurança e alegria.

Junho de 2022. A vida fluía... havia beleza e graça no ar...

Então, o inesperado.

Dor repentina. Febre alta demais. O hospital. É grave. O boletim médico. Adriano partiu...

Falta ar
Falta palavra
Falta... Falta...
Falta nem se sabe o quê.
Um corte sangrando que não se vê
um coração solitário que bate sem por quê
momentos sem sentido
sem o que pensar
um vento frio soprando...
nada a fazer.
Falta ar.
Falta vida.
Falta você.

Retomando sonhos

Indiara chorou a partida de seu amado. Ainda chora muito. Transita entre dias difíceis e outros um pouco menos dolorosos. Carrega a força de uma menina, moça, mulher que sempre enfrentou os desafios propostos pela vida.

Hoje, embora viva ainda as oscilações de um luto em processo, recomeça a sonhar.

Viajar e conhecer lugares novos com Iasmyn é uma de suas metas. Sua trajetória denota muita coragem, que ela chama de uma espécie de “loucura”, citando a frase de que gosta muito: “o medo mora perto das ideias loucas”.

Por Regina Medeiros

Alessandra, a exploradora

O ar é escasso, a dor no peito, abundante, cada passo é um esforço descomunal. O maior desejo é respirar. “Se alguém chegasse agora e perguntasse: ‘Alessandra, escolha qual desses dois problemas você quer se livrar para o resto da vida, a asma ou a escoliose?’, com certeza escolheria que a asma desaparecesse, fosse embora para sempre.”

Enquanto falava, seu rosto vagueava por lembranças da infância não trazidas à tona com frequência, talvez estivessem tão enterradas, que a simples menção abria o vertedouro de uma ansiedade latente, escondida em seu corpo pequeno, mas forte, capaz de sobreviver às mais adversas situações.

“Não era pra (eu) viver nem um ano de idade, nem dois, nem quinze, hoje estou com quarenta. Posso contar como foi difícil chegar até aqui, uma mulher em um país machista, uma mulher com deficiência em um país limitado pelo patriarcado, minha história é cheia de desafios. Quando uma pessoa nasce com deficiência, o primeiro desafio é viver, e foi com o afeto da Mãe Maria que esta criança sobreviveu.”

Alessandra Costa é uma falante, impossível não notá-la pelos corredores do Sesc Sorocaba. Sempre tem uma história para contar, mas, em nossa entrevista, naquele momento de recordação, explorou silêncios.

Sim, havia se preparado para a conversa com antecedência, anotado de antemão possíveis tópicos de abordagem. O planejamento cuidadoso, no entanto, esbarrou em assuntos relativos a algo além do percurso triste de superação. Chegamos à história de amor de uma mãe atípica, o amor das mulheres de uma família, o amor pela natureza, o amor pela vida, o amor pelo trabalho e pela diversidade.

O ar podia lhe faltar, mas as mãos das mulheres que a apoiavam, não. A força da mãe a colocou de pé por meio de incansável busca a curas ditas impossíveis. A força dos cantos de benzimento e reza de sua avó a fizeram caminhar; assim como o acalanto da madrinha.

Quando criança, não se sentia excluída, pelo contrário, naquele mundo de brincadeiras na rua e na escola, não se falava em diferença. Em seu entendimento, crianças não enxergam o que se convencionou chamar de deficiência, talvez sejam ensinadas pelos adultos a ver o diferente como o frágil a ser guardado longe dos olhos, para não quebrar ou atrapalhar.

Alguns episódios do passado são marcados pelo medo de não resistir. Como o de uma crise aguda de asma, na adolescência. “Minha mãe me levou à Santa Casa e me deixou perto da recepção, protegida da friagem, enquanto estacionava o carro. Lembro de chegar ao balcão e não conseguir falar com a atendente. Eu só balançava a cabeça. Depois disso, foram muitas injeções, seguidas de idas e vindas ao hospital. Passei boa parte da minha adolescência em hospitais.”

Anos se passaram até conseguir acesso a medicamentos modernos que aumentassem o intervalo entre as crises, a ponto de quase deixarem de existir. A vida desobstruída não podia ficar parada, exigia movimentação, e, com o ar, veio também a vontade de viver as artes, principalmente nos palcos da cidade, em inúmeras oficinas e montagens. “Não consigo escolher um papel ou uma peça, todos foram de alguma forma especiais para mim.”

Tal qual Alessandra, Sorocaba evoluiu. Na cidade, há guindastes e obras de arranha-céus por todos os lados. Mas a urbanidade sorocabana ainda não inclui todos, e pouco se pode aproveitar de um lugar quando não há acessibilidade. “Penso o tempo todo, aqui cabe uma cadeira de rodas? Tem rampa? Como alguém com dificuldade de mobilidade conseguiria passar? Afinal, se todos somos seres humanos, por natureza seres sociais, por que alguns se encaixam e outros não? Essa é uma questão que me incomoda.”

O incômodo surge não apenas pela dificuldade de encontrar espaços inclusivos, mas também por encarar uma sociedade dividida em estereótipos. “Minhas amigas me chamavam para trabalhar em lojas no shopping, mesmo eu dizendo ser improvável uma contratação. Não sou o estereótipo daquelas lojas, não sou o imaginado do que seja uma vendedora bonita, entende?”

Como iniciar uma carreira profissional se as barreiras pareciam intransponíveis? A escoliose não era um impeditivo, o padrão exigido pela sociedade, sim. Além do mais, como alcançar maturidade e independência se as oportunidades são constantemente negadas? “Quando vou a um estabelecimento e a pessoa atendente tem alguma deficiência, já quero comprar lá, porque me sinto incluída, sinto que aquele espaço também é pra mim.”

Com o pensamento voltado a essas questões, resolveu deixar os palcos um pouco de lado para se dedicar à vida acadêmica. A ideia da iniciação científica veio de Thaís, na época uma amiga do trabalho: “Escreva sobre nós, pessoas com deficiência trabalhando”.

Em uma pós-graduação, elaborou um projeto de consultoria de inclusão e diversidade para o mundo corporativo. Fala-se pouco, ou quase nada, sobre pessoas com deficiência trabalhando, produzindo ou, simplesmente, existindo.

Não é questão de superação, é de estar presente, ser vista como qualquer outro ser, desafiar-se, ousar a se aventurar. Por que se limitar a viver na terra de concreto, fechada no quarto, se o mundo não nos dá amarras?

É preciso ar.

Foi assim que começaram suas aventuras. Assim mesmo, no plural, porque elas não têm final. No início, eram apenas caminhadas por trilhas ao ar livre, buscando uma conexão mais intensa com a natureza, com a mata, com os animais silvestres. Logo as trilhas já não eram o suficiente. Sentiu necessidade de vivenciar de forma mais intensa a natureza e, para isso, passou a se interessar pelo *bushcraft*. As artes do mato, em tradução livre, são técnicas, conhecimentos e habilidades que permitem ao ser humano sobreviver em diferentes momentos e ambientes. “Faço parte de um grupo que leva na bolsa todo o necessário caso decida fazer uma trilha de última hora. Sabia que a gente

carrega a linha mais poderosa do mundo? O fio-dental. Já viu alguém conseguir arrebentar um fio dental com as mãos? Pois é.”

Alessandra não é orgulhosa apenas por ter conhecimentos avançados em técnicas de sobrevivência, mas também por ter criado nas redes sociais, junto com seu companheiro, o perfil Aventureiros da Inclusão. “Até os meus hobbies entram na pauta da inclusão, não é só fazer uma trilha, é incentivar várias outras pessoas a fazer também. Não é só praticar *bushcraft*, é conhecer pessoas com deficiência também praticantes e mostrar para o mundo que precisamos de visibilidade para conquistar espaço.”

Hoje, estudante de psicologia e ativista, toma conhecimento das atividades exercidas pelos Conselhos de Pessoas com Deficiência e Mobilidade Reduzida. Como dito antes, esta não é uma história de superação, porque histórias de superação têm um final feliz, por assim dizer. Aqui, nada termina com uma mudança de pensamento ou solução definitiva. Nesta história de amor, a protagonista Alessandra segue para suas aventuras e novos desafios. E, se for para inspirar, que a inspiração seja para nos desafiar a sair das nossas caixas de concreto e admirar a vida.

Somos seres humanos sociais e mutantes, e, em um momento, estamos em um hospital usando máscaras de oxigênio, em outro, estamos na mata, nos reconectando e exercendo o autoconhecimento. Ainda planeja escrever um livro, talvez uma autobiografia – ou uma ficção que transforme a si mesma em uma personagem de aventura, daquelas que conseguem sobreviver em mundos alienígenas, que desbravam novas paisagens e ainda derrotam o grande vilão, o monstro perigoso que nos oprime e nos impede de ser quem somos, apenas por sermos diferentes em forma ou conteúdo.

Alessandra deseja dedicar esta história a todas as Marias que a cercam.

Por Fabiana Ferraz

As mulheres não choram mais: investem em si

Geiza Santana sempre quis mais e, ao buscar o melhor para si, precisou partir. Migrar se tornou sua busca. A cada nova cidade, precisou lidar com as renúncias, consequências não tão agradáveis das escolhas mais importantes de sua vida.

Em Olindina, um pequeno município do interior da Bahia, precisava caminhar quarenta minutos para chegar à escola. Enquanto seus irmãos nem sempre iam às aulas, ela insistia, via nos estudos uma oportunidade para melhorar de vida. Ao mesmo tempo, não conseguia enxergar um futuro próspero em sua cidade natal: “Tô nadando e vou morrer na praia”, pensava. Uma prima sugeriu, então, estudar em Salvador para expandir os horizontes. No início, duvidou: “Nem sei falar direito, o que vou fazer lá? Uma ‘pé na roça’, que a gente chama, né?”. Apesar das dúvidas, o desejo por mais venceu a disputa interna, e partiu, então, para Salvador, onde morou e estudou por cinco anos.

Não pôde concluir o Ensino Médio na capital, com o falecimento de sua avó, precisou voltar para a casa da mãe. Justamente quando voltou à Olindina, conheceu um homem com quem se casaria. Ele foi de São Paulo, onde morava, passar as férias na Bahia. Se conheceram e começaram a namorar. Após o retorno dele para casa, trocaram cartas e namoraram por correspondência por dois anos: “Não tinha celular, não tinha telefone, telefone só pra rico, os pobres eram cartas, chegavam com quinze dias, e era uma felicidade receber.”

Um dia, em uma das mensagens enviadas pelo namorado, se deparou com um convite para viajar a São Paulo e conhecer a família dele. Naquela época, ainda cursava o Ensino Médio, por isso, não quis aceitar o convite de pronto, temia abandonar os estudos. O namorado garantiu: a viagem seria nas férias e depois voltaria para casa. Só então concordou. A mãe autorizou a ida da filha para São Paulo e... “nem voltei pra terminar o Ensino Médio”.

A mãe, preocupada, perguntou sobre casamento, e o futuro genro respondeu: “A gente vai casar com tudo certinho”. Mas ela vai continuar estudando? “Vai estudar aqui, os sonhos dela não vão parar.” No ano de 1998, foi feita a transferência para uma escola em Francisco Morato, onde passou a viver com o noivo, e retomou os planos.

No ano 2000, já casada, engravidou da primeira filha. “Na formatura do fim do Ensino Médio, estava com a beca enorme, enjoando, com cara de grávida.” A filha nasceu em 2001, num parto difícil, mas com saúde. A segunda filha veio quatro anos depois.

Cada escolha uma renúncia

A vida de mãe e dona de casa era boa, mas não se contentava com pouco, e também não era capaz de ficar esperando a mudança, resolveu buscar algo mais. “Ele não tinha

profissão, não tinha estudo, não tinha um salário decente para sustentar nós quatro, então sempre ficava defasado em alguma coisa, as meninas pediam um iogurte, uma fruta, não tinha, e aquilo ia me incomodando, me incomodando, falei: Sabe de uma coisa? Vou trabalhar”.

Em 2009, soube de uma vaga no Sesc e decidi se candidatar. Nunca havia trabalhado em uma empresa antes. Disse para a mulher durante a entrevista: “Sou uma pedra preciosa, rústica, você vai lapidar, vai me ensinar, a equipe vai me ensinar, estou aqui para aprender, se não conseguir, vou avisar”. Conseguiu o emprego, e sua vida começou a mudar mais uma vez. “Aprendi muito, viu?”

Com a nova rotina de trabalho, o marido precisou se responsabilizar pelo cuidado das meninas e lidar não só com a ausência da esposa, mas também com o fato de não ser mais o provedor da família. “Era muito difícil e ele não aceitava.” Começaram as cobranças; ela precisava trabalhar aos finais de semana, ele reclamava por mais tempo em família. Geiza rebatia, convicta: “No momento, a gente precisa estabelecer nossa família”.

No Sesc, surgiu a oportunidade para realizar seu maior sonho: fazer uma faculdade. A instituição ofereceu auxílio para cursar Administração de Empresas, e ela agarrou a chance com unhas e dentes. Os dias eram extremamente exaustivos: saía de casa às quatro e meia da manhã para entrar no Sesc Pinheiros às sete. O turno de trabalho terminava às três, mas era preciso fazer hora extra, então ia até as quatro, cinco horas da tarde em alguns dias. Depois do expediente, ia direto para a faculdade assistir às aulas noturnas. Chegava em casa a uma da manhã para sair de novo três e meia. “Fui muito cobrada por isso, mas em um ponto ele me deu muito apoio, prometeu para minha mãe que eu não ia parar de estudar e cumpriu com isso, aos trancos e barrancos, mas foi. Não impediu e aconteceu: me formei em Administração, sou bacharel em Administração.”

Contudo, aos poucos, o casamento foi se desestruturando. Ele nunca a proibiu de fazer nada, mas também não deixava de lamentar suas ausências. “Um motivo da nossa separação foi isso, não aceitar... Eu ganhava mais do que ele.” Apesar da resistência do parceiro, ela jamais abandonaria seus sonhos, desejos simples: o de fornecer uma alimentação farta; garantir estudo para as filhas em boas escolas, fossem públicas ou particulares; ter um transporte para levá-las e buscá-las. “Tudo que não tive quero para as duas.” Todo o seu esforço, embora parecesse um exagero para seu marido, tinha objetivos muito bem definidos, e não estava disposta a abrir mão deles por nada.

“Então assim, perdi muito? Perdi, não vou dizer que não. Tenho ciência disso. Talvez meu casamento não tenha dado certo por conta de ‘n’ coisas, mas hoje dou graças a Deus de ter meu trabalho. Perdi algumas coisas? Perdi, mas ganhei outras.” As escolhas mais importantes da vida sempre vêm acompanhadas de renúncias, esta é a lição levada do tempo de casada. “Tem que sempre perder alguma coisa para ganhar outra. Sempre. Pelo menos é esse o entendimento dessa vida que venho vivendo. É a minha trajetória.”

Geiza faz o balanço das consequências de sua escolha com muita tranquilidade: “Perdi um casamento de dezessete anos, mas hoje tenho uma casa com seis cômodos, suíte, um quintal enorme. Vou fazer uma piscina, churrasqueira, área gourmet. Quando tinha o casamento, morava num cômodo apertado, mofado. Era feliz? Não sei te dizer.

Não vou ser hipócrita de dizer que era feliz, você morar em um ambiente mofado, atacando a rinite, atacando alergia, atacando tudo na sua vida... Posso dizer: Não tenho o casamento, mas sou feliz. Hoje posso ser feliz”.

Está caminhando para o segundo casamento e faz questão de afirmar: “Sempre, na minha vida, minha mãe me ensinou a procura pelos caminhos certos. É difícil? Vai ter pedra? Vai. Vai ter montanha? Vai. Mas você será forte o suficiente para ultrapassar essas pedras, essas montanhas... A base que te dei vai ser o suficiente pra chegar onde cheguei. Você me vê como espelho? A minha mãe sempre me fala isso”.

Deus no céu e mãe na terra

Deixar sua mãe em Olindina foi um preço alto pago por Geiza ao ir para São Paulo. A relação entre as duas segue firme, apesar da distância. “O melhor exemplo que tenho na minha vida é minha mãe.” Fala com saudade e uma imensa admiração: “Uma mulher digna, batalhadora, forte. Uma mulher de fé. Humilde. Hoje me olho e falo: é espelho. Queria ter achado uma foto. Eu e ela, você vê, é espelho. Tanto de fisionomia quanto de vida, de vivência. Olho para minha mãe hoje e tiro o chapéu pra essa aí”.

O casamento dos pais foi um empecilho para a própria felicidade e de todos os filhos. Enquanto o pai colecionava vícios – em álcool, jogos e mulheres –, a mãe cuidava da família como podia. Quando ainda criança contava para a mãe o que via seu pai aprontando na rua, era surrada por ele. Mesmo com punição, não se dobrava à tirania do progenitor. “Não entendo, não aceito e não quero.” A mãe resistia à situação lastimável e tinha a meta de findar a união apenas quando os filhos estivessem livres e independentes. E assim fez.

Não mantém contato com o pai: “Até hoje, vive com mulher de vinte e cinco anos, quase chegando nos oitenta, e se acha o rei da cocada preta. Tenho muita mágoa, mas meu coração já amenizou”. Precisou de terapia para elaborar sua vivência com o pai. “A gente colhe o que planta. Mas está perdoado. Perdoei, Senhor, a vida está ensinando.” A mãe mora sozinha na Bahia.

Se inspirou muito na jornada dela quando decidiu se separar, entrou em uma crise de insegurança. Morava com o marido e as duas filhas (uma com quinze e outra com onze anos) em uma casa da família dele. Deixar o relacionamento era, também, deixar parte da estabilidade para trás. Duvidou de sua capacidade, teve medo de falhar e colocar o bem-estar das três em risco. Chegou a pedir demissão do Sesc, em São Paulo, quando se viu sozinha com as meninas. De última hora, planejou voltar para a Bahia e morar com a mãe, onde teria um lar, pelo menos.

Sororidade

No dia em que saiu da casa do ex-marido, estava só com a roupa do corpo, as meninas e o seu carro. Em meio à discussão, ele disse: “Quero ver você debaixo da ponte, passando fome, passando necessidade”. Geiza perguntou para as filhas se queriam ficar com o pai. “A gente pode ir pra debaixo da ponte, vocês ouviram, né?” Ambas escolheram ir com a mãe. Deixaram roupas e pertences, não quiseram levar nada

daquele imóvel velho, objeto de disputas em uma complicada questão de herança da família dele.

No dia seguinte, chegou no trabalho para pedir as contas. Estava desestabilizada e não acreditava ser capaz de se manter com as meninas. A ideia de submeter as filhas a uma condição de vida miserável a assombrava. “Não é fácil pra uma mulher preta, sozinha com duas crianças.” A coordenadora não a deixou se demitir num impulso e ofereceu ajuda. “Agradeço a Deus todos os dias por aquela mulher ter entrado na minha vida”, diz emocionada. Viu que não estava só, tinha apoio. Uma amiga do mesmo setor também somou forças e conseguiu um apartamento para as três.

“Chegamos na nossa nova casa aliviadas de não ir para debaixo da ponte, podia até passar fome, mas na rua não ficaríamos.” O aluguel comia mais da metade de seu salário, o imóvel vazio nem geladeira tinha. Economizando ao máximo, fazia de tudo para manter a alimentação das filhas: “Passava no mercado para comprar todos os dias a mesma coisa, não podia levar pra casa se não estragava”. Comprava marmite para dividirem e, quando o dinheiro não dava, as levava para o Sesc. “Vivam praticamente o dia inteirinho no Sesc comigo, nas férias, e na nossa folga a gente ia comer num restaurante simples na rua de casa”. No divórcio, fez tudo corretamente, conforme orientação de sua mãe, deu entrada nos papéis e concluiu a separação.

Economista

Em 2017, chegou a Sorocaba, alugou um apartamento no Campolim, perto da unidade onde trabalha, e se estabeleceu com as filhas. “Morei um ano de aluguel nesse condomínio, um ano depois fiz um propósito com Deus: ‘Senhor, é um ano em Sorocaba, se eu não conseguir comprar minha casa, vou-me embora para Bahia’. Um ano certinho, consegui comprar meu apartamento”. Com o tempo, o imóvel ficou apertado para a família e resolveu aumentar o sonho: queria uma casa com quintal. “Foram cinco anos para ter um lugar maior que acolhesse dois cachorros lindos e maravilhosos me dando vida, meu gato, as meninas. Compramos a casa. Estamos aí.”

Para as filhas também separou uma quantia todos os meses e colocou na poupança. “Quando cheguei aqui [em Sorocaba], falei: ‘Ó, vou fazer uma poupança para cada uma, todo mês coloco lá, para a faculdade. Cai o salário, vai direto... Quando quiser fazer a faculdade, está lá’”. A filha mais velha decidiu dar entrada em uma moto primeiro e fazer a faculdade de Enfermagem depois. A mais nova quer usar o dinheiro para os estudos. “Cubro, ajudo, estou sempre presente.”

Sobre todas as conquistas, afirma orgulhosa: “Dinheiro sei fazer render”. A definição usada para sua habilidade com a gestão financeira da família é: “Sou uma pessoa muito econômica”. E brinca: “Pergunto para o namorado: ‘Qual a cor do seu dinheiro?’ Aí ele responde: ‘Da mesma do seu’. Não é não! Não é da mesma cor, o meu eu vejo e o seu não”.

Nova chance para o amor

Hoje, Geiza tem um “namorado”. Moram e trabalham juntos. “Estou lutando, viu? Indo para o segundo casamento, nosso relacionamento tem cinco anos.” A pressão do corpo e da sociedade para a mulher estar sempre em um relacionamento impacta muito a autoestima. Ela sabe a importância e o peso das escolhas para mudar sua própria vida. As mulheres determinadas em realizar seus sonhos e ser felizes – independente dos homens com os quais se relacionam –, ou em optar por não viver um envolvimento, precisam enfrentar muitos desafios. O primeiro deles é ser forte. No dia da entrevista, comentou de um videoclipe da cantora Shakira com o qual conectou sua própria história. A frase que a impactou foi: “As mulheres já não choram, elas investem em si”.

A música, chamada “Shakira: Bzrp Music Sessions, Vol. 53”, fala do relacionamento da cantora com Gerard Piqué. Sobre a letra, diz: “Quando a gente é traída, não é ouvida, não é aceita, quando não é dada uma oportunidade, chorar a gente chora no escondido ali, mas segue em frente, é isso que tem que ser. Minha história é basicamente isso”.

Tal qual Shakira canta em sua canção, Geiza se sente loba e tem plena consciência de todos os sacrifícios necessários para chegar onde chegou. E pontua: “Não fiz mais porque não tive saúde, viu? Se tivesse saúde, tinha feito mais”.

Ouvir o corpo

Os anos de correria, trabalho, estudo, cuidado com a casa e as filhas tiveram consequências para a saúde. Descobriu uma anemia profunda e ainda está em tratamento. O desafio agora é se cuidar, aprender a sentir e sanar as necessidades básicas do corpo.

Uma das tarefas passadas pelo médico é o exercício físico, então, frequenta a academia e ironiza: “Naquela esteira, é igual correr atrás do nada. Duas vezes por semana, estou lá, correndo atrás do nada. Estou vendo efeito, tenho mais disposição”.

Quando chegou a Sorocaba, após o divórcio, se sentia extenuada. A jornada de trabalho se tornou uma eternidade. Na mesma época, começou a cursar a segunda faculdade, de Nutrição, mas trancou o curso. Ao investigar as causas da falta acentuada de energia, entrou em choque, uma anemia grave a abatia. Além do cansaço, também percebi perda de memória e de visão. O tratamento consistiu em reposições de vitaminas por via oral e intravenosa. Na pandemia, teve cuidado redobrado: “Não tirava minha máscara por nada. Nada. Com medo. Se pegasse um troço desse aí, ia morrer”. Assim, foi uma das poucas pessoas a não contrair a doença em seu setor de trabalho.

O isolamento social foi um período difícil. Não saiu de casa, com medo, teve crise de ansiedade. A terapia ajudou a lidar. “A saúde é prioridade”, reforça. Quando trabalhava em São Paulo, deu tudo de si em muitos aspectos da vida. Mas deixou a saúde de lado, não se alimentava bem, passava um dia inteiro apenas com café da manhã ou só com o almoço. Hoje, está atenta: “O corpo dá sinais, começa a tremer quando precisa de alimento. Chegar ao extremo, não vou”. Definiu horários fixos para, pelo menos, três refeições diárias. E, quando se sente mal, para tudo: “Olha, meu corpo está pedindo pra comer. Não dá tempo de comer agora? Vou descer lá, comer alguma coisinha correndo, começo a tremer, começo a suar, suar, suar”, ri, nervosa. “Parece que vou morrer, então

preciso de um açúcar ou um sal, alguma coisa, aprendi a ouvir meu corpo”, bate três vezes no peito com a mão aberta.

Por Mari Mendes

Vivendo e aprendendo a jogar

Se a vida é de fato um jogo, o tabuleiro de Maria Angélica é composto por diversas fases, cheias de obstáculos, como costuma ser a vida de mulheres negras, em seus mais diversos aspectos, numa sociedade colonizada. No entanto, a imprevisibilidade dos dados permite superações que, ainda que repletas de dor e trauma, dão acesso a algumas perspectivas, como a de se conhecer, reconhecer seus limites e acolher as fraquezas; acreditar na possibilidade de construção de outro mundo.

Diferente do banco imobiliário, em que os jogadores dispõem de recursos, durante um bom tempo a condição financeira foi limitada na casa da família Santos Freitas. Com a pequena Maria de três anos e sua irmã Mariele a caminho, a família saiu de Pompéia, no interior do estado de São Paulo, e seguiu com a Ferrovia Paulista até Bauru, empresa em que seu pai trabalhava na época. O dinheiro contado não impediu a criança de ter uma infância aproveitada ao máximo, rica em brincadeiras e imaginação, algo que Maria, hoje com trinta e cinco anos, considera ter sido crucial em seu caminho no estabelecimento de carreira. “Eu não queria entrar em casa, queria ficar na rua brincando; entrar só para comer e tomar banho. Esse histórico influenciou nas decisões que tomei. Sou educadora no Sesc, no Curumim, e meu material de trabalho é o brincar.”

A identificação encontrada no trabalho não significa que a vida profissional foi – e ainda é – composta apenas por satisfação. Formada em Educação Física e pós-graduada em Educação Física Escolar, algumas cartas a obrigaram a parar e lidar com incertezas. A primeira foi logo após a faculdade, quando a idealização se desfez na realidade, e ela ingressou como educadora social na Casa do Garoto de Bauru, projeto social voltado a jovens em situação de grande vulnerabilidade. Mesmo estando em posição de prestadora de uma valiosa ajuda, Maria foi ajudada em seu processo de se reconhecer como uma mulher preta e pensar a ancestralidade. “A gente foi construindo com esses jovens um olhar para as coisas para além do lugar em que se está, como emancipação. Eu comecei a fazer uma pesquisa grande da nossa origem preta, me vi nesse processo inteiro – tudo se relaciona, desde a alimentação, a crença, o modo de falar.” Dessa investigação, surgiu a sexta-feira da negritude, projeto criado por ela para valorizar a cultura negra. Escrevia na lousa a palavra “mojubá”, uma referência de matriz africana feita aos orixás de abertura de caminho. Era como se fosse “sejam bem-vindos, cada um tem a sua importância”. Nesse momento, percebeu a Educação como movimento, não expectativa: “Foi a primeira vez, enquanto educadora, que joguei a pedra e não esperei onde ela cairia; passou um tempo e eu vi onde caiu. Então, isso me motivou muito a continuar atuando, a pensar em movimentar quem está ao nosso redor”. Em uma analogia, pode-se dizer que foram as primeiras jogadas em direção à Sankofa, pássaro de tradição africana com a cabeça voltada para trás, simbolizando o resgate do passado para a ressignificação do presente e a construção do futuro.

Não se engane, o nome de referência angelical, o sorriso largo e o bom humor nunca foram impedimento para comprar brigas quando necessário: se a verba destinada àqueles garotos não chegava, ela fazia chegar; aparentemente, em algum lugar, já sabia na prática o significado de mojubá: “Eles [a gestão] não queriam que eu e a Naiara [sua amiga e colega de trabalho] estivéssemos lá porque questionávamos o uso do dinheiro. Tomamos vários ‘cala a boca’ nessa lógica de ‘foca só no trabalho a fazer’”.

Apesar de ter consciência da importância de seu papel naquele lugar, era hora de jogar novamente os dados e passar à casa seguinte, o Sesc, um movimento que começou a ser planejado bem antes, ainda na adolescência, e foi tão natural quanto uma brincadeira: primeiro no uso do espaço da unidade de Bauru para a prática de esportes, depois, já na faculdade, com a prestação de alguns serviços pontuais, até chegar à conclusão: “Quis trabalhar no Sesc, tem tudo o que eu gosto: tem cultura, tem esporte e é bem remunerado”. Levou um tempo para prestar o processo e ser chamada, mas talvez tenha sido o necessário para conseguir encarar as mudanças vindas a partir daí: a saída da casa dos pais, outra cidade e o descobrimento de uma nova Maria. Foi a primeira vez em que se sentiu livre, mesmo que liberdade significasse a responsabilidade de lidar com as próprias escolhas.

De primeira, a nova vida não durou muito. Com pouco tempo no Sesc Sorocaba, um acidente quase tirou Maria de jogo. Em 24 de novembro de 2012, viajando de São Carlos para Bauru depois de uma aula da pós-graduação, o carro em que ela estava colidiu gravemente com outro em direção contrária na pista. Mesmo tendo o incrível discernimento para lembrar de todos os protocolos do primeiro atendimento em um momento de choque – o que ela atribui aos ensinamentos da brigada de segurança recebidos no Sesc pouco tempo antes –, ainda assim, o estrago foi grande, e a recuperação lenta levou oito meses. Foi preciso abdicar temporariamente das conquistas e retornar a Bauru, voltar a ser cuidada, sair da independência para voltar a ser quase criança, reaprender a andar e aprender coisas novas contra a vontade, como lidar com a frustração e o trauma. Mas, como em todo jogo, a derrota também ensina: “Até então, eu não tinha trauma, não tinha medo, o acidente foi importante para eu entender os limites da minha vida, eu não poderia fazer tudo a qualquer momento”. Aprendeu a escutar e a se escutar. Felizmente, superou e teve a oportunidade de jogar os dados mais uma vez, pronta para a carta que caísse em sua mão.

O trabalho e o acidente podem ter mudado algumas coisas em seu ser, mas a ânsia de um novo olhar para o mundo seguiu – e ainda permanece após dez anos. Agora, seus referenciais de negritude são complementados pelas culturas e visão dos povos originários, mais uma vez, uma sabedoria vinda a partir de uma crise essencial para pensar os processos de educação, automatizados pelo peso da rotina e pelas barreiras do pensamento colonizado. Nesse movimento, o contato com a arte foi fundamental. O trabalho do artista plástico makuxi Jader Esbell e a música da rapper Kaê Guajajara ajudaram-na a acessar outros lugares da prática educativa: “Eu estava para desistir, até entender que os processos levam um tempo e o produto não é importante, no sentido de ver o que plantei. O processo de educação também é um processo de desapego”. Isso ajudou um sonho antigo a sair do papel. Assim, no fim de 2022, a Ekú Jogos foi

materializada após treze anos de espera. Na língua yorubá, “ekú” é uma saudação para além do simples “bom dia”, é o reconhecimento da humanidade do outro, e, para ela, foi uma forma de reconhecer sua própria humanidade: “Fazer jogos é interessante porque posso construir diversas dinâmicas improváveis na vida real: morrer e reviver, salvar alguém, usar uma espada, dançar, cantar e estar dentro de um ambiente seguro, controlado. Foi um lugar de emancipação da minha potência ter lançado a marca”.

Diferente do que possa parecer até aqui, o cotidiano de Maria não é composto apenas pelas diversas formas de luta no campo da educação. Ao lado da educadora, há a mulher que ama, gosta de cerveja, não se prende a rotinas, tenta manter a terapia em dia e a... benzedeira. “Tenho uma conexão muito forte com as ervas, passada de geração em geração, da minha avó para minha mãe e depois para mim. Bato o olho e identifico uma erva, sei para o que serve, se é morna, se é quente, como deve ser usada”. A conexão com o espiritual não se encerra nesse conhecimento, a mediunidade é algo que vem de bem antes, da infância, mas só compreendida recentemente com estudo dos sonhos.

Para a continuação desse tabuleiro, espera continuar onde está em termos de carreira, quer mostrar seus jogos para o mundo e continuar vivendo de forma afetiva e lúdica essa breve, mas intensa existência ao lado de sua companheira tão amada, Gabriella.

Uma coisa é certa: a Sankofa a acompanhará.

Por Estela Andrade

Luciana, a incansável

Luciana Costa sempre foi incansável, embora tenha sofrido dois abortos em três gestações. Desde pequena, amava crianças, e seu maior desejo era o de ser mãe.

Ela havia acabado de engravidar pela primeira vez, quando se viu num trânsito tão grande na cidade de São Paulo, numa chuva e calor tão intensos, que a distância do local de trabalho para a sua casa, apesar de durar aproximadamente meia-hora de carro, levou quatro horas a ser percorrida de ônibus naquele dia. Naquele espaço minúsculo do transporte público, com todos os vidros fechados, lotação máxima, um rapaz a acotovelou bem embaixo das costelas, fazendo-a sentir suas costas travarem na hora.

Quando finalmente conseguiu chegar no seu ponto, precisou pedir ajuda para descer do ônibus. Sentou-se na calçada para chorar, enquanto repetia para si: “Não, eu não nasci para isso, eu não quero essa vida para mim.”

Ela já havia perdido o bebê quando começou seu processo de migração. Sempre muito decidida e independente, buscou o melhor. Chegou em casa e conversou com a mãe. Depois, pediu, então, demissão de onde trabalhava. Sua patroa, que era também uma amiga, a princípio não queria vê-la partir; mas estava decidida, iria para outra cidade, qualquer cidade.

Ficou sabendo de Sorocaba, uma cidade do interior do estado de São Paulo, por meio do namorado da época. Ele tinha parentes na cidade, um lugar com bastante indústria e, conseqüentemente, muito emprego.

Como sempre prezou pela independência, três meses depois estava se mudando para esse novo lugar. Não pressionou o namorado para mudar junto, mas, quinze dias após a sua ida, ele foi mandado embora do trabalho. “Talvez fosse um sinal, o universo falando: enfim, Sorocaba.”

Assim que se instalou, engravidou novamente. Com quase trinta e três anos na época, sem emprego, casada e grávida, se viu em uma situação que jamais imaginou estar: saindo completamente de sua liberdade, e no mesmo papel de sua mãe, do qual ela tanto tentou fugir.

Luciana, em meio a seu fluxo de discurso, relembra um pouco da família. Natural da cidade de São Paulo, morou na região da zona sul, perto de Interlagos. Podia ouvir de sua casa o autódromo. Sua mãe era servente escolar e foi criada pelos avós de com muita rigidez. A vida dela basicamente se resumia a cuidar dos filhos e do marido. Já ele, um sapateiro de profissão, era desapegado de tudo, muito alegre e boêmio. Gostava de cantar nos bares.

Isso, no entanto, trazia sofrimento para a mãe de Luciana, sempre muito fechada. Acabava cuidando mais do marido que dos filhos. Por isso, desde a infância, planejava não se casar de jeito nenhum, pois não iria cuidar de homem. Já cuidou dos irmãos,

principalmente durante a adolescência, pois era a segunda filha, a irmã do meio, e a mais responsável.

Mas só fazia cuidar da casa e do marido na época da mudança para Sorocaba. Não tinha mais a mãe morando por perto, estava sem esse apoio. Distante de sua essência, começou a se perder, o que tornava difícil a convivência com o marido, resultando na separação.

Sozinha, com uma criança para cuidar, pois havia finalmente nascido o Cauê (hoje já é um rapaz), se viu em uma situação completamente difícil. “Vivi no fundo do poço, e ainda dei mais uma cavadinha.” Quando parou de cavar, o poço virou um terreno, como um alicerce, para que pudesse se reerguer. Quando emergiu, emergiu com energia, com força. Com garra.

Foi nesse contexto que se encontrou com a espiritualidade. Ou melhor: a reencontrou, e se reencontrou. Quando mais nova, havia sido criada na igreja messiânica, a qual frequentava, mas sempre teve uma mediunidade aflorada, associada à síndrome do pânico que uma vez tivera. Nessa época, acordava e não se sentia bem. Passou um ano praticamente dormindo, sem se olhar no espelho, evitando se encarar, pois não se reconhecia naquele corpo. Era como se tivesse saído dessa dimensão, na qual não se reconhecia. Estava perdida, mas foi aos poucos voltando e começou a buscar sua espiritualidade, a ver quem ela era.

O tantra surgiu como o divisor de águas na vida de Luciana. Ela já havia se formado em psicanálise quando, durante a pandemia, viu a chamada de um vídeo que falava da importância do corpo para o tantra. Era de uma terapeuta tântrica com turma aberta para estudos. Assim, tomada pela novidade, frequentou as aulas e se sentiu renovada para enfrentar a vida.

Passou a gostar mais de si, ficou mais consciente do próprio corpo. “As vivências são gravadas não apenas no nosso inconsciente, mas no nosso corpo. E o tantra é justamente essa volta para o corpo, para os seus limites, como uma forma de se conhecer.”

Luciana hoje sabe exatamente quem é e o que veio fazer aqui, qual o seu papel externo. Vive não para agradar as expectativas dos outros, mas para ser feliz do jeito que é.

Contadora nata de histórias, seu perfil sempre foi o de ajudar e ensinar pessoas. É o que ela faz e tem feito durante todos esses anos. Na infância, ensinava o que aprendia na escola para seus tijolos e escrevia tudo com giz numa porta de sua casa. Cada tijolo tinha um nome, eram todos seus alunos.

Amava ciências, biologia. Por isso, já quis ser bióloga, arqueóloga, geneticista ou engenheira genética. Mas a paixão era ser professora. Gostava tanto de ensinar como de cobrar lição.

Assim, decidiu se especializar em terapia holística integrativa, para ouvir e auxiliar – e, também, para ensinar. Hoje, passa lição em cada sessão de terapia, assim a pessoa analisada não sai sem ter o que fazer.

No Sesc, tem se dedicado ao atendimento ao público há mais de oito anos. Lidar com pessoas como trabalho é sua vocação e missão.

Por Marina Bariani Trava

Quando as cerejeiras florescem

Escrever a história de uma vida é compromisso da maior delicadeza. Ser fiel à escuta, à fala da pessoa protagonista é tarefa impossível. Afinal o que se recebe está no nível do subjetivo, do não dito e do muitas vezes indizível – tornando o reino das palavras bastante deficitário para expressar o realmente vivido.

Mesmo assim, o desejo maior em aproximar-se ao máximo do acontecido nos instiga a investigar em profundidade e descrever com sutileza as minúcias manifestadas nos relatos, nos risos, nos choros, nas pausas, nos olhares, enfim. Com estas reflexões, inicio a contação de algumas das muitas histórias que compuseram a vida de nossa protagonista até aqui.

Histórias únicas como são todas as humanas, mas com que, de alguma forma, magicamente nos identificamos e percebemos que somos todos muito parecidos em nossas diferenças.

A marca do nome

A mulher-moça de fala firme, morena de riso largo, olhar profundo, gestos rápidos, traços marcantes, natural de Araruna, na Paraíba, Gildeneide da Silva Santos, quarenta e um anos, a Gil, como é chamada, ri do próprio nome, e vai logo descrevendo o descontentamento que teve com ele durante muito tempo.

Foi nomeada pelo pai, por sugestão de uma enfermeira, no dia de seu nascimento, conforme lhe contaram. Gil é filha do meio, entre um irmão e uma irmã, com os quais sempre teve uma relação muito próxima. Os três são fruto de um casamento bastante complicado, entre o alcoolismo do pai e o trabalho diário e intenso da mãe para conter as dificuldades no relacionamento familiar, os escassos recursos financeiros e a educação dos filhos sob sua responsabilidade. Viveram ela e a família, os desafios e as agruras da jornada dos migrantes que seguiram para a região Sudeste, principalmente para o Rio de Janeiro e São Paulo nos anos 1980. Tomados por grandes esperanças de uma vida melhor, chocavam-se violentamente com a realidade das cidades que os acolhiam, porém com muitas ressalvas, mascarando preconceitos centenários.

Sua família, como milhares de outras, fez parte das sofridas e desafiadoras histórias do êxodo brasileiro, cujos processos de enfrentamento e adaptação geraram, com certeza, as dificuldades das realidades que as metrópoles apresentam ainda hoje para os migrantes.

Houve uma enorme dificuldade em relação ao seu nome, que pela composição, remetia à sua origem nordestina e, por esse motivo, gerava gracejos preconceituosos e muito desagradáveis. A garotinha Gildeneide, com seus sete anos, ainda muito tímida e insegura, foi para a escola carregando o nome como uma marca das origens que, aparentemente, a desmereciam.

Um corpo tagarela que fala de dor

Aos quinze anos de idade, além de todas as outras dificuldades – e por que não dizer justamente como consequência delas –, Gil foi acometida de uma disfunção intestinal crônica denominada retocolite. Patologia com possível origem nas desordens emocionais que lhe assombravam. Usamos a palavra “possível”, pois nunca as referidas origens foram cientificamente comprovadas. A disfunção lhe causava muitos transtornos, pois não controlava a evacuação intestinal, que lhe impediu muitas vezes de frequentar a escola assiduamente, e, quando conseguia ir às aulas, sentia-se muito envergonhada, pois não se via em iguais condições físicas para participar do dia a dia, tendo que a todo momento correr para o banheiro.

Mas o que poderia ter sido a causa dessa descarga intensa e constante em seu corpo físico? Nasce Gildeneide em 17 de outubro de 1981, segunda filha do casal José e Luzimar. Seu pai, ao saber que agora era uma menina, revoltou-se. Não queria ter “filha mulher”, como dizia. Veio a saber disso muitos anos depois, embora já pressentisse, pela rejeição que sentia dele nos poucos anos da presença paterna em sua vida.

Alcoólatra, se transformava em um homem extremamente violento quando ingeria álcool, gerando um clima de muita tristeza e insegurança para a família. Quando estava com nove anos de idade, ele sofreu um acidente vascular craniano, durante uma briga de bar, e perdeu parte da memória, ficando incapacitado para o trabalho. Teve que se aposentar por invalidez. Em seguida, e pela situação bastante precária da família, voltou a morar com sua mãe (a avó paterna), na Paraíba, e a partir desse episódio nunca mais teve contato com ele.

Tomada pela paixão

Com dezoito anos, sempre assombrada por uma aversão a relacionamentos, conheceu o primeiro namorado, por quem se apaixonou. Namoraram durante seis anos e se casaram. Após a união, ela e o marido prosseguiram na vivência religiosa. Nesta fase, a retocolite havia melhorado, mas não se extinguiu, porém ela descreve que sua força de vontade e sua determinação em ser saudável a ajudaram muito, de modo que as crises estavam mais espaçadas.

A relação do casal estava equilibrada. Ambos participaram de um encontro de casais promovido pela igreja que frequentavam, e, num dado momento, foi abordada por uma orientadora conjugal, cujas palavras foram decisivas para vencer a patologia. Ela a alertou de que era necessária a sua decisão pessoal para se libertar da doença limitadora. Assim, aos vinte e três, se curou definitivamente da retocolite, e isso lhe deu asas! Durante todos aqueles anos, sentiu-se como um pássaro na gaiola, cuja porta estava sempre aberta, porém lhe faltavam o ânimo e autoconfiança para sair e alçar voos.

Sentia que realmente estava encerrando uma etapa de sua vida e, a partir daí, viveria num movimento libertador. Nada mais a impediria de fazer planos grandiosos.

O choque entre mundos

Embora tudo estivesse caminhando muito bem com o curso na faculdade de Educação Física, com os estágios e com a saúde, seu relacionamento conjugal se mostrava bastante abalado. Sua vivacidade cada vez mais presente em tudo que fazia, a dedicação aos estudos, as novas amizades, e inclusive seu vestuário condizente com as atividades do curso universitário, intensificaram o ciúmes no marido, que já vinha apresentando comportamentos muito diferentes do início do relacionamento.

O que, no princípio, eram apenas bebidas em momentos de lazer se transformaram em hábitos diários e descontrolados, já beirando um diagnóstico de alcoolismo. Enfrentando essa nova realidade, e ainda as exigências para deixar os estudos e voltar a ser “apenas” a dona de casa, decidiu seguir descasada. Pegou alguns pertences e saiu de sua casa, deixando para trás um casamento que reconhecia não mais existir.

Embora tenha recebido todo o amparo de sua família e o acolhimento de amigos, a partir dessa decisão viveu tempos bastante desafiadores.

Finalmente o voo

Passadas as fases mais difíceis do processo de separação, agora era bacharel do curso de Educação Física, o que lhe transmitiu a sensação de ser realmente uma vitoriosa. Gil começara a viver seus primeiros contatos com alegria de viver e se reconhecendo como alguém que podia sonhar, se divertir, rir dos próprios pensamentos, ser livre. Parecia estar renascendo realmente. Nessa fase, candidatou-se a uma vaga no Sesc São Paulo.

Passou por várias etapas do processo de admissão, uma delas a entrevista com uma psicóloga, momento em que não poupou suas emoções. Como se intitulou, a “chorona de carteirinha” acabou por se emocionar muito ao responder as perguntas propostas sobre sua capacidade de empatia, e temeu por isso. Ao retornar para casa, pensou que teria colocado tudo a perder. Alguns dias depois, porém, recebeu a notícia da aprovação para a vaga. A partir daí, iniciava sua carreira no Sesc Bom Retiro, na capital.

Quando chega o amor

Após o término do casamento, determinou não se envolver seriamente nunca mais. Entretanto, logo que ingressou no Sesc, iniciou a realização de algumas reuniões e treinamentos. Nessas trocas, sentiu afinidade por Cristiano, de mesma formação que ela, e de quem sempre estava próxima. Aos poucos, a amizade foi se transformando e, quando perceberam, estavam namorando. Hoje, ela não tem dúvidas de que gostaria de ter se casado “na primeira vez com o Cris”, e isso revela o que sente.

Em 2017, ouviu falar de vagas para educadores em atividades fisicoesportivas na unidade do Sesc de Sorocaba. Após refletirem juntos, optaram por aceitar a oportunidade, que se revelou valiosa, de novos aprendizados e de muito desenvolvimento profissional para ambos. Enfrentaram o desafio totalmente juntos. Foram morar em Sorocaba, onde ainda dividem e somam suas vidas.

Redescobertas

Gil passou um longo período se ocupando apenas com os desafios que enfrentava. Inicialmente, foi a família – as preocupações com sua mãe. Depois, a enfermidade que lhe acompanhou durante muito tempo, e então os conflitos do primeiro casamento. Isso tudo não lhe permitiu olhar para si e refletir o que realmente gostava de fazer.

Porém, em seu momento de estabilização, traçou rotas e começou um novo caminho, buscando se priorizar. Assim, veio o encontro mágico com a fotografia, um de seus hobbies preferidos. Nela, registra seu olhar sutil e atento para tudo, principalmente em suas viagens, outra coisa que lhe dá muito prazer – sonha um dia viajar pelo mundo inteiro.

Corre muito! Sente muito prazer na corrida. Sabe tecnicamente os benefícios que ela lhe oferece, mas valoriza mesmo a potência do prazer que esse esporte provoca.

Também foi-se o tempo de aversão ao dia de seu aniversário, que nunca gostou de comemorar. Há pouco, ao completar seus quarenta anos de vida, fez questão de oferecer uma festa linda para a família e amigos. E como se divertiu!

No Sesc Sorocaba, a educadora esbanja simpatia, empatia e presença aos alunos, que encontram nela não só a profissional que lhes transmite conhecimento e orientação durante as aulas, mas também o ser humano com quem se sentem compreendidos em suas limitações e necessidades específicas, dentro do que lhes é oferecido nas atividades físicasportivas.

Essa é a Gil, alguém que, sem dúvida alguma, fez das adversidades uma valiosa oportunidade de amadurecimento e transformação. Segue fotografando a vida e correndo muito! São prazeres que compõem a sua história, e como ela diz: pernaspraquetequero!

Por Regina Medeiros

Agradecimento

Às mulheres que compartilharam conosco, com muita coragem e generosidade, as memórias de suas vidas.

As entrevistas foram realizadas entre janeiro e fevereiro de 2023.

